

FONTES E REPRESENTAÇÕES POLÍTICAS

Sobre o Polêmico Imperador Nero

YGOR KLAIN BELCHIOR*

RESUMO

Este artigo tem como objetivo tratar especificamente da vida do imperador Nero, tendo como ênfase as leituras modernas que foram realizadas trazendo ele como foco. Dessa maneira, iremos contemplar a discussão de produções historiográficas recentes através de um diálogo com produções de outros gêneros ou mídias, como as produções cinematográficas e musicais, mas sempre mantendo contato com o subsídio fornecido pelas fontes do período para que todas essas visões sejam sustentadas ou até mesmo relevadas. Nesse sentido, um diálogo entre todas as fontes que temos sobre esse Imperador também será imprescindível para apontarmos as ambiguidades que temos a respeito de Nero e também para pontuarmos os principais acontecimentos e personagens de seu governo.

Palavras-chave: Nero, Representações, Historiografia.

ABSTRACT

This article aims to study specifically the life of the Emperor Nero, having the emphasis on the modern readings made about him. In this way, we will consider the discussion of recent historiographical productions, over a dialogue with other genres or media productions, such as films and musical features, but always keeping in touch with the ancient sources of the period, so that all these views could be supported or even broken. In this sense, a dialogue between all the sources that we have on this Emperor is essential to point out the ambiguities we have about him and to bring all the main events and characters of his government.

Keywords: Nero, Representations, Historiography.

*O autor é doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo, sob a orientação do Professor Norberto Luiz Guarinello, membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano e Mediterrâneo Antigo (LEIR-MA/USP) e Professor de História Antiga da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Para mais informações, acessar o site do grupo de pesquisas: <http://leir.fflch.usp.br/> ou o site pessoal do autor: <https://usp-br.academia.edu/YgorBelchior>. E-mail: ykbelchi@usp.br.

Introdução

“Nero, todavia, desviou seus olhos, ordenou crimes, mas não os contemplou; a principal de nossas misérias, durante Domiciano, era a de ter visto, quando se tomava nota de nossos suspiros” (Tácio, *Agrícola*, 45).¹

A epígrafe acima, que inicia essa discussão, foi extraída da obra *Vida de Agrícola*, de autoria de Cornélio Púlbio Tácito, é bastante ilustrativa para entendermos como a tradição construída a respeito de um “bom” ou um “mal” Imperador nos é essencial para compreender algumas estratégias retóricas utilizadas pelas fontes na construção de personagens. Ou seja, apenas imaginemos, se o fato de ser comparado ao Imperador Nero por algum historiador ou biógrafo antigo era ruim, afinal, a tradição negativa a respeito dele era imensa, imagine ser acusado de cometer os mesmos crimes que ele, só que realizados de uma maneira mais brutal ainda? Pois é assim que o historiador Tácito se refere ao Imperador Domiciano na obra que destinou para glorificar a vida e os feitos de seu sogro. Domiciano era, ao menos para Tácito, pior do que Nero. Que cenário, que pessoa, que desespero. Não sei se confiaria minha vida a tal governante cruel.

Mas o que dizer sobre o Imperador Nero? Esta é uma questão que vamos responder nesse artigo e a destacamos como ponto inicial desta discussão por julgarmos que ela cada vez mais se coloca como uma reflexão importantíssima para lidar com esse polêmico Imperador. Afinal, não fica difícil de imaginarmos que existiam certos tipos de limites para qualquer governante, mesmo dentro de suas mais íntimas loucuras, quando este administrava um Império tal como era o Império romano composto das suas tão conhecidas conspirações. Ou seja, era preciso, mesmo para um governante despótico, trabalhar dentro de determinados “constrangimentos” políticos e sociais para manter o apoio de grupos que justificavam a sua posição enquanto tal. Aliás, como já é possível propor, esses limites eram dados dentro de contextos históricos aos quais esses imperadores governavam, atendendo expectativas de grupos importantes ao governo e também dos setores mais subalternos, mas que também possuíam certa importância na estabilidade de um governo. E isso vale (ou valeu) também até para um Imperador que muito se assemelha a uma mulher histórica e mimada. Nero, mesmo louco, governou Roma por 14 anos!

Sobre a biografia de Nero, podemos dizer basicamente que Lúcio Domício Ahenobarbo, o futuro Nero, nasceu em 15 de dezembro 37, em Âncio, perto de Roma. Ele era o único filho de Cneu Domício Ahenobarbo e Agripina *minor*, irmã do Imperador Calígula e filha de Germânico, um general muito importante durante o governo de Tibério. Sobre o seu governo, podemos afirmar que Nero ascende ao poder em 54, aos dezesseis anos de idade, e governa até o ano de 68, quando foi deposto e obrigado a se suicidar. Ao longo de sua vida de aproximadamente 31 anos, promoveu mudanças urbanísticas e arquitetônicas muito profundas na Cidade de Roma, participou de inúmeras competições artísticas, como canto e poesias, fomentou a cultura grega, participando também de olimpíadas, promoveu uma importante campanha militar contra os Partos, no Oriente. O Imperador também participou ativamente de importantes conflitos que tiveram lugar em seu governo, como o assassinato de sua mãe, de seu irmão e dos Senadores que estavam envolvidos na conspiração que tentou derrubá-lo em 65, mas que teve os seus membros condenados e a posição do Imperador fortalecida. Nero somente caiu após uma rebelião militar em uma província muito rica em ouro.

¹ *Nero tamen subtrahit oculos suos iussitque scelera, non spectavit: praecipua sub Domitiano miseriarum pars erat videre et aspici, cum suspiria nostra subscriberentur, cum denotandis tot hominum palloribus sufficeret saevus ille vultus et rubor, quo se contra pudorem muniebat.* Tradução de Agostinho da Silva.

Todavia, para não alargarmos mais essa discussão, já que não é nosso intuito fazer uma biografia desse Imperador, e nem o de adentrarmos em um debate específico e sem destino sobre os “bons ou maus anos de Nero”, nos limitaremos apenas ao que já foi exposto. Sendo assim, a partir desse ponto, é nosso intuito o de apontar para o fato de que existem argumentos que sustentam a noção de que Nero era um Imperador louco e tirano, mas ainda é possível atentar para partes que o seu governo foi bom e que a crítica para sua atitude, mesmo sendo ela um assassinato, acaba sendo entendido como um ato de salvação da *respublica*. Sendo assim, uma pergunta essencial deve ser feita: por que as produções sobre esse polêmico Imperador não entraram em um consenso sobre um possível “verdadeiro” Nero? Seria preciso olhar para o passado em busca de uma versão mais verdadeira sobre aquilo que ele fez ou representou enquanto governante? Afinal, o que dizem as fontes contemporâneas sobre esse Imperador?

Fontes sobre Nero

Sobre as fontes disponíveis, podemos afirmar que nosso conhecimento sobre o Principado neroniano repousa basicamente na leitura de três autores - Tácito (Tácito. *Anais*. XII, 69 a XVI, 25), Suetônio (*Vida de Nero*) e Dião Cássio (*História Romana*. LXI, 35 – LXIII, 3) – cujas obras foram compostas entre a primeira metade do século II e a primeira metade do século III. No entanto, outras obras compostas entre meados dos séculos I e II também trazem importantes elementos sobre o período neroniano, como as biografias de Galba, escritas por Plutarco e por Suetônio, que tratam da queda de Nero. Também é possível consultar obras contemporâneas a Nero que sobreviveram até nós, como é o caso da Guerra judaica (II, IV), escrita por Flávio Josefo, que foi composta nos últimos anos do governo de Nero e no início do período Flávio. Uma particularidade da obra de Flávio Josefo é que, segundo David Shotter, “ele conhecia mais favoráveis a Nero”², contudo, segundo o autor, estas fontes favoráveis ao Imperador Nero foram suprimidas durante o período Flávio, “que permaneceu universalmente hostil ao último dos Júlio- Cláudios”.³

Somado a isto, também podemos extrair informações importantes sobre o período neroniano nos tratados filosóficos de Sêneca, como as suas Epístolas Morais e no *De Clementia* (Tratado sobre a Clemência). Além dessas produções, podemos citar outras fontes do período neroniano, como a *Farsália* de Lucano, as *Saturae*, de Pérsio, o tratado agrônômico de Columella intitulado *De re rustica*, o *Satyricon* de Petrônio, as *Elogae* de Calpúrnio Sículo e o *Panegyricus Pisonis* e *Bucolica Einsiedlensia*, ambas reconhecidas como de autoria de Pseudo-Calpúrnio Sículo, o *De Caesaribus*, 5 (c.360) de Aurelius Victor e o *Epitome de Caesaribus*, 5 que foi produzido em meados do século IV. Importante ressaltar ainda abundante documentação numismática e epigráfica, cujo acesso ainda que parcial é possível para pesquisadores sediados no Brasil, e o restante da documentação arqueológica referente ao período, cujo acesso a pesquisadores brasileiros é bastante difícil.

No entanto, apesar de indicarmos anteriormente que o governo neroniano pode ser lido através de uma ótica negativa, o que podemos perceber através da leitura das fontes é que o Imperador somente teve seus poderes contestados a partir da conspiração pisoniana, que foi deflagrada em 65, ou seja, depois de onze anos de governo. Além disso, também é preciso dizer que, mesmo lidando com um “mau Imperador” consensual, também é possível encontrar subsídios nas fontes históricas de produções que possuem o caráter

2 SHOTTER, David A. C. *Nero*. London: Routledge, 1997, p. 97.

3 *Idem*, p. 97.

exclusivo de tecer elogios a esse governante. Um bom exemplo de nossa preocupação em buscar a exaustão o subsídio histórico para os critérios de julgamento do governo de Nero está contido no final da narrativa da biografia deste Imperador, escrita por Suetônio. A obra que nos importa é a *Vida dos doze Césares (De Vita Caesarum)*, que corresponde a uma coletânea de biografias que vai de Júlio César, que não foi Imperador, até o governo de Dominiano. A biografia de Nero, a que nos interessa especificamente, com certeza é uma obra muito especial não só pela qualidade das informações nela contidas, mas também pela sua própria organização. E ela se torna mais interessante ao dizermos que a vida de Nero foi claramente dividida em duas partes que correspondem a “momentos” do governo e do caráter individual do Imperador que são muito úteis para nossa reflexão.

Dentro desta divisão entre aspectos positivos e negativos do Principado de Nero, podemos a expor quatro etapas fundamentais para a compreensão do nosso argumento de que Suetônio também faz este mesmo caminho: o nascimento e primeiros anos de juventude; a política externa – etapas que se situam na parte em que Suetônio descreve o lado positivo de Nero. De outra forma, as atividades artísticas de Nero; a sublevação das províncias; e a queda deste Imperador - incluso na parte em que o autor descreve os aspectos negativos do governo. Na primeira divisão do governo de Nero, Suetônio faz referência ao “bom governo” realizado pelo *princeps*. Segundo ele, Nero ao ser aclamado Imperador prometeu a distribuição de riquezas ao povo e uma gratificação aos soldados, e assim o fez:

“Na ânsia de dar uma ideia mais nítida do seu caráter, após haver declarado ‘que reinaria de acordo com os princípios de Augusto’, não perdeu nenhuma ocasião de demonstrar a sua liberalidade (*liberalitas*), sua clemência (*clementia*) e até mesmo sua amabilidade (*comitas*). Aboliu ou diminuiu os impostos mais pesados. Reduziu a um quarto os prêmios concedidos aos delatores pela lei Pápia. Depois de ter distribuído ao povo quatrocentos sestércios por cabeça, estabeleceu para os senadores mais nobres, porém sem fortunas, um ordenado anual que montava, para alguns, até cem mil sestércios. E, da mesma forma, às cortes pretorianas, uma ração de trigo anual gratuita. Certo dia em que o convidaram a assinar uma condenação capital, disse: “Queria não saber escrever!”. Saudou todos os membros das duas ordens correntemente e de memória. Ao senado que lhe endereçava ações de graça, respondeu: “Quando eu as tiver merecido”. Admitiu o povo nos exercícios no Campo de Marte. Ofereceu numerosíssimos espetáculos de todos os gêneros. Jogos da juventude, jogos do circo, jogos cênicos, combates de gladiadores” (Suetônio. *Vida de Nero*. X).

Nero aparece aqui sob uma forte luz favorável por ter exercido suas obrigações com os grupos que constituíam a *respublica*: o povo, os soldados e o Senado. Além disso, atuou como se esperava de um *pater patriae* cuidando de casos que foram declarados por Suetônio como de extrema importância para Roma. Como pode ser percebido, o biógrafo enfatiza a enumeração das virtudes Imperiais que Nero adotou: *liberalitas*, *clementia* e *comitas* (princípios de Augusto). A aplicação da *liberalitas*, por exemplo, fica clara no governo de Nero tal como é narrado por Suetônio. Segundo o biógrafo, o Imperador ouvia com atenção todas as partes do debate, obedecia e respeitava a instituição do Consulado. Além deste ponto, também é possível destacar a *clementia* do Imperador para com a população de Roma, já que é mencionado que ele cedia inúmeros favores, como dinheiro, construções públicas e jogos de suma magnificência. Ou seja, nas palavras de Norberto Guarinello e Fábio Duarte Joly, Nero soube se portar bem nesses primeiros momentos de seu governo, atuando “através de um jogo político, do qual diversos grupos sociais participavam de diferentes maneiras por meio de éticas políticas desejáveis mais ou menos sistematizadas e específicas”.⁴

4 GUARINELLO, Norberto Luiz; JOLY, Fábio Duarte. “Ética e ambigüidade no principado de Nero”. In: FUNARI, Pedro Paulo de Abreu (org.). *Ética e política no Mundo Antigo*. Campinas: Unicamp, 2001, p.133-152.

Como chega a ser percebido na narrativa de Suetônio, as Juvenales permitiram a aproximação do Imperador, da aristocracia e da plebe, ao mesmo tempo em que serviram como forma de “promoção” de seu governo para com as outras camadas sociais. Tácito, por exemplo, também menciona esses os jogos quinquenais, em 60, onde se percebe que “muitos, porém, aprovaram essa licença e procuravam contestá-la, alegando que os nossos antepassados não eram indefesos aos divertimentos cênicos” (Tácito. *Anais*, XIV, 21). Se há uma crítica feita as Juvenales, esta foi feita por Suetônio quanto à participação de aristocratas em jogos, quando quatrocentos senadores e seiscentos cavaleiros são forçados por Nero a lutarem na arena.⁵ Crítica que coloca Nero em uma situação delicada, sendo tachado como a figura de “mau Imperador”, já que utiliza de sua *crudelitas* de uma forma errada e deslegitimadora, atacando o Senado e a Aristocracia romana.

Assim, inversamente, quando o autor passa a descrever o outro lado da fronteira do governo neroniano, passando a expor os “atos vergonhosos e criminosos” de Nero, Suetônio apresenta ao leitor um *princeps* disposto a satisfazer os seus interesses pessoais, sobretudo artísticos, transmitindo a imagem desvinculada da “ideologia senatorial”. Esta crítica se dá principalmente no campo artístico, onde o Imperador se exibia através de aparições em espetáculos, dentro e fora de Roma. A partir desse ponto, as demais menções ao Imperador se centram exclusivamente em sua personalidade e em sua forma de agir completamente autônoma, desconsiderando o Senado, o Exército e o povo de Roma, grupos que davam sustentação política para seu governo. Quando, por exemplo, viajou à Grécia para participar de um concurso de música em Corinto, e negligencia os assuntos da cidade. Outra crítica feita à figura de Nero foi relativa ao seu afastamento dos assuntos militares, visto que, segundo Suetônio, o *princeps* trocava suas atribuições militares pelas artísticas, fazendo incursões pelo Império a fim de promover espetáculos e fazer concursos de canto e teatro. Esse ato inclusive é marcado em sua narrativa quando descreve a volta do Imperador Nero do exterior como uma paródia militar:

“De volta da Grécia, entrou em Nápoles, onde estreara como artista, num carro tirado por cavalos brancos, passando por uma brecha aberta na muralha, segundo o uso dos vencedores nos jogos sagrados. A mesmíssima coisa fez em Ancio, mais tarde em Alba, finalmente em Roma; aqui, porém, entrou no carro que servira outrora aos triunfos de Augusto, vestido dum manto de púrpura, com uma clâmide respingada de estrelas de ouro, à testa a coroa olímpica e a pítica na mão direita, enquanto as outras coroas eram carregadas pomposamente diante dele, com inscrições que indicavam o lugar, o nome dos seus concorrentes, o assunto dos cânticos e das peças em que saíra vencedor. Claiquatas seguiam o carro, como nas ovações, aos gritos de que eram eles os augustanos e os soldados de seu triunfo” (Suetônio. *Vida de Nero*. XXV).

Nesta passagem extraída da biografia de Nero, fica clara a sua caracterização como o inverso da imagem de um “bom Imperador”. Nero, ao invés de ser o pater familias e de atuar para que as estruturas e os órgãos da *respublica* (senado e magistraturas, legiões, pretório e províncias) funcionem, passa, então, a mostrar as deficiências de seu caráter como, por exemplo: *petulantia*, *libido*, *luxuria*, *avaritia* e *crudelitas*, que se contrapõem às virtudes Imperiais já mencionadas, ou seja, *liberalitas*, *clementia* e *comitas*, “componentes do repertório ideológico do Principado desde Augusto”.⁶ Nesse caminho, Suetônio também critica Nero por fazer gestos suntuosos comprometendo as finanças de Roma (*luxuria*): “[Nero] Achava que as riquezas e o dinheiro só serviam para serem gastos” (Suetônio. *Vida de Nero*. XXVIII).

A *crudelitas* de Nero é ilustrada com a morte de membros da família Imperial e de

5 *Idem*, p.118.

6 JOLY, Fabio Duarte. *Tácito e a metáfora da escravidão*. São Paulo: Edusp, 2004, p. 122.

seus conselheiros pessoais, Sêneca e Burrus: sua cumplicidade na morte de seu pai adotivo, o Imperador Cláudio, em 54 - “Como parricida e assassino, começou com Cláudio. Se não o autor da morte, foi, pelo menos o cúmplice” (Suetônio. Vida de Nero. XXXII) - o assassinato de sua mãe, Agripina - “Como ela o ameaçasse de violência, Nero resolveu matá-la” (Suetônio. *Vida de Nero*. XXXIV) - de Sêneca (em 65) - “Obrigou Sêneca, seu preceptor, a suicidar-se” (Suetônio. Vida de Nero. XXXV) - e de Burrus (em 62) - “Ao invés de remédio para doença na garganta que prometera ao prefeito Burrus, enviou-lhe peçonha” (Suetônio. *Vida de Nero*. XXXV). Daí por diante matou sem escolha nem medida, sob o qualquer pretexto, quantos lhe davam gana. Nero não poupou nem ao mesmo o povo de Roma. Em 64 ateou fogo na cidade: “incendiou a cidade tão patentemente que a maior parte dos consulares não ousaram tocar escravos cubiculares, surpreendidos em suas casas com estopas e tochas” (Suetônio. *Vida de Nero*. XXXVIII).

Estas ações fizeram Nero perder o apoio do *Senatus Populusque Romanus*, a liberalitas, que deveria ser uma prática, como forma de manutenção do poder (*autoritas*) do Imperador e de uma salvaguarda da prática da libertas, passou a ser desconsiderada por ele. Suas ações, daí por diante, caminham para um fim. O povo já não se agrada com o Principado, pessoas de seu íntimo planejam más ações contra sua pessoa e maus presságios aparecem. O fim de Nero, narrado por Suetônio, é introduzido com a seguinte frase: “O universo, depois de ter suportado tal príncipe por pouco menos de catorze anos, acabou por abandoná-lo” (Suetônio. *Vida de Nero*. XLVII). Reverteu-se, portanto, o quadro inicial da biografia de Nero quando o Imperador fora retratado como a favor de todos, ou seja, um governo de um Imperador só e legítimo que contemplava outros grupos sociais, sobretudo o Senado, mas a plebe e o exército. Agora, como retrata esse último fragmento de sua biografia, Nero aparece contra o Senado, o povo, o exército e as províncias.

Como se vê, as atitudes de Nero são muitas e também podem ser interpretadas de maneira distintas entre os autores até então citados. O caso de Suetônio, em específico, nos é mais sintomático por pontuar elementos que podem nos direcionar a um modelo de entendimento sobre aquilo que são “boas” ou “más” atitudes esperadas de um Imperador. Porém, apesar disso, ainda é preciso dizer que, mesmo com esses critérios bem divididos, ainda é possível que convivamos com a ambiguidade até então defendida e que não foi sanada. E isso pode ser percebido através da leitura dos versículos finais da biografia escrita por Suetônio:

“Morreu no trigésimo segundo ano de sua vida, no mesmo dia do aniversário da morte de Otávia, e tal foi a alegria pública, que a plebe se regozijou ostentando o gorro da liberdade por toda a cidade. No entanto, por um longo período de tempo, houve quem decorasse seu túmulo com flores da primavera e do verão, e nos rostra colocaram suas imagens vestindo pretexta, ou seus editos, como se ele ainda estivesse vivo e retornando para derrotar seus inimigos maus. Também, Vologeso, rei dos partos, quando enviado ao senado para renovar a sua aliança, com muita sinceridade implorou que deveria prestar honra à memória de Nero. Na verdade, vinte anos depois, quando eu era jovem, uma pessoa de origem incerta que dizia ser Nero apareceu, e este nome era tão favorável no meio dos Partas que ele foi vigorosamente acolhido por eles, e o entregaram com grande relutância.” (Suetônio. *Vida de Nero*. VI, 57)

Em suma, como já foi exposto, Suetônio, que certamente compôs suas obras depois de Tácito e de Sêneca, ao final de sua biografia de Nero deixa transparecer toda a ambiguidade que foi construída sobre as reapresentações deste Imperador. Como se vê, também há uma ampla documentação que pode ser usada para o estudo do Principado neroniano e que nos levaria a um debate interminável sobre os critérios de julgamento deste governo. Contudo, através deste corpus documental que destacamos ainda não podemos

encontrar uma lógica norteadora que nos leve a acreditar que existiam, na antiguidade, conceitos específicos e universais para descrever a conduta dos Imperadores. Nesse sentido, partiremos para a proposta de que é necessário entender apenas uma fonte e, assim, direcionar nossos debates em apenas apresentar como Tácito pensa o governo neroniano.

Nossa justificativa para a escolha de Tácito é que suas obras são uma das principais fontes para os períodos Júlio-Cláudio e Flávio.⁷ Nos *Anais*, Tácito nos apresenta a história dos Imperadores da linha Juliana, partindo de Tibério e chegando a Nero, o que compreende, portanto, o período que vai do ano 14 ao ano 68. É, portanto, uma obra extensa e que nos apresenta detalhes importantes para a compreensão do período do alto império. Além disso, utilizando-se de severos critérios de moralidade, o historiador latino tece observações críticas sobre a conduta moral e política sob o Principado.

O Principado de Nero em Tácito

Nos *Anais*, a primeira aparição de Nero ocorre no ano de 47 durante os jogos realizados em comemoração aos 800 anos de Roma (*Iudi saeculares*), quando o jovem Lúcio Domício Ahenobarbo, com apenas nove anos, e sua mãe Agripina *minor* são apresentados publicamente ao povo de Roma. Tácito narra que durante esse ato, Nero e sua mãe são muito aplaudidos pela plebe que os saudava pela memória de seu avô materno Germânico (Nero Cláudio Drusus), filho adotivo do Imperador Tibério, assassinado no ano 19 (Tácito. *Anais*. II, 71). Durante esses acontecimentos, o historiador latino nos apresenta o clima de euforia que tomava o ânimo daqueles que saudavam o filho adotivo do Imperador com o nome de Nero, o príncipe da juventude. Além disso, também é possível observar que estas comoções deixavam pistas de que a plebe estava se inclinando em favor de Agripina, fato que é muito significativo, pois a mãe do futuro Imperador nos é apresentada em contraposição à desvirtuada mulher de Cláudio: Messalina.

Após a narrativa desses prodigiosos acontecimentos, podemos observar na narrativa taciteana a omissão do nome de Nero por um período de um ano. O jovem Lúcio Domício somente retorna ao foco dos *Anais* a partir dos acontecimentos que envolvem os planos de casamento de Agripina com seu tio Cláudio (Tácito. *Anais*. XII, 7). Nesse contexto, Tácito dá grande ênfase às estratégias utilizadas pela mãe do futuro Imperador para facilitar o casamento de seu filho com a filha de Cláudio. Assim, além de legitimar Nero como um sucessor em potencial ao trono, também o colocava em uma posição muito proeminente, pois unia por ascendência as famílias Júlia e Cláudia.

Como podemos observar, o critério de julgamento sobre os anos do governo neroniano podem ser identificados através de quais relações o princeps privilegiava no interior de seu *consilium*. Assim, iremos tecer algumas observações a respeito dos personagens que influenciaram as atitudes do governo neroniano. Nos livros XIII a XV, Sêneca junto com Afrânio Burrus são caracterizados por Tácito como os controladores, até onde era possível, das paixões do jovem Imperador e das artimanhas de sua mãe Agripina *minor*. Segundo Tácito, Sêneca foi escolhido como preceptor de Nero graças “a sua arte de ensinar a eloquência, e pelas graças e honesta amenidade de caráter” (Tácito. *Anais*. XIII, 2, 2). Podemos observar que, desde o início do governo de Nero, Sêneca ajudou o Imperador a ocultar os seus vícios e maldades, a começar por estimular o romance do Imperador com a *liberta Acte*, afastando o jovem Imperador dos desejos libidinosos de sua mãe (Tácito. *Anais*. XIII, 13), e por fim ajudando Nero a resolver junto ao Senado a impressão

7 SYME, Ronald. *The Roman Revolution*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

de que o matricídio teria sido uma obra de salvação da república (Tácito. *Anais*. XIV, 11).

Tácito deixa clara a influência de Sêneca durante o início do Principado neroniano. Segundo ele, o pronunciamento inicial do Imperador fora composto por seu tutor. Tácito afirma que “sendo obra de Sêneca, havia sido muito bem trabalhado, e era digno do gênio brilhante do autor, mui conforme com o gosto do tempo” (Tácito. *Anais*. XIII, 3, 1). Neste discurso inicial, Nero asseverou que:

“Nunca se constituiria juiz de todas as coisas, porque não podendo ouvir-se fora do recinto do palácio as vozes dos acusadores e dos réus, a sorte desses últimos viria então só a depender dos caprichos de alguns válidos. Que da sua corte desterraria a venalidade e as intrigas; e que os interesses da República haviam de ser independentes dos negócios da sua casa. Que o senado gozaria de toda a sua antiga jurisdição” (Tácito. *Anais*. XIII, 4, 3- 4).

Há uma evidente preocupação em repudiar as ações vergonhosas e os abusos cometidos durante o Principado de Cláudio, especialmente, no que se refere à participação dos libertos nos negócios do Império e à crítica aos julgamentos *intra cubiculum*.⁸ Além disso, Nero prometeu seguir o modelo construído por Augusto, respeitando a divisão de poderes entre o Senado e o *princeps*.⁹ Neste ponto, podemos apontar que o jovem Imperador continuou a sua política conforme havia declarado no discurso inicial de seu governo, acatando a autoridade do Senado, que negou algumas exigências do Imperador, e o mesmo preferiu acatar as decisões dos *patres*. Em suma, o primeiro bom momento de Nero pode ser facilmente reconhecido graças à influência de seus preceptores, Burrus e Sêneca, que se “apoiavam mutuamente no sentido de deter, por prazeres lícitos, no declive dos vícios, a perigosa idade do príncipe, se este desprezasse a virtude” (Tácito. *Anais*. XIII, 2). Ambos se empenhavam em resistir à índole de Agripina e de Palas, o incitador do casamento incestuoso dela e da adoção de Nero.

No entanto, apesar desta proposta, a explicação dada por Momigliano para o excelente governo nos primeiros anos do Principado neroniano é que de fato não foram observados os preceitos da restituição das liberdades republicanas. Para o autor, Nero geriu seu governo como uma forte corrente de tendências absolutistas, concentrando todas as fontes de *beneficia* nas mãos do soberano, os quais seriam distribuídos por meio da sua benevolência.¹⁰ Aliado a esse fator, Momigliano também nos oferece a interpretação de que nos anos iniciais do governo de Nero, o jovem *princeps* teria favorecido certas medidas conservadoras da aristocracia, como as questões envolvendo os libertos e os escravos. Nesse sentido, o primeiro a receber o perdão de Nero foi o senador Pláucio Laterano, antigo adúltero de Messalina que fora expulso do Senado por Cláudio (Tácito. *Anais*. XIII, 11). Apesar de esta atitude ser relacionada com a influência de Sêneca, o que podemos perceber nesta etapa da narrativa de Tácito é que o jovem Imperador começa a se distanciar da proteção de sua mãe e a combater alguns de seus aliados mais poderosos, como Palas.

O relacionamento entre Nero e sua mãe, portanto, começava a ruir. Para que Agripina perdesse a sua posição de destaque era necessário atacar as bases de sustentação de seu poder pessoal. Até esse momento podemos perceber que a liderança da *domus Caesaris* estava nas mãos do *princeps* Nero graças, principalmente, aos esforços de sua mãe. Apesar da preocupação expressa pelo historiador latino de que o jovem Nero não teria forças para se manter no

8 SHOTTER, *op.cit.*, p.17.

9 WIEDEMANN, T. E. J. “From Nero to Vespasian”. In: BOWMAN, Alan K; CHAMPLIN, Edward and LINTOTT, Andrew (orgs.). *The Cambridge Ancient History*. Volume X. Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press. 2006, p.242.

10 *Idem*, p.706.

governo, o Imperador, como membro das famílias Júlia e Cláudia, tinha o apoio do Senado e nenhuma manifestação dos exércitos e da plebe havia surgido como uma possível contestação de seu regime. Além disso, as disputas para liderar a *domus Caesaris* estavam cerradas dentro desse núcleo de poder, ou seja, elas somente são trazidas à luz pelo historiador latino através da demonstração de que outro possível Imperador poderia ser retirado da *familia* Júlia ou da Cláudia, como os casos de Britânico, filho de Cláudio, e de M. Júnio Silano, bisneto de Augusto.

Para proteger a liderança do poder, Nero ainda não havia atacado diretamente nenhum concorrente ao trono. Pelo contrário, o que podemos perceber até o momento é que grande parte das ações que garantiram a sua ascensão e a sua permanência no poder foram feitas por sua mãe e por seus aliados. Estes, a exemplo de Burrus e Sêneca, cada vez mais auxiliavam a mãe do Imperador em seus planos de eliminar bases importantes de sustentação da candidatura de outro possível Imperador dentro da *domus Caesaris*, como os poderosos libertos de Cláudio e os protegidos de Messalina, como alguns senadores (*patres*). Porém, com a morte de Burrus e o afastamento de Sêneca em 62, Nero passou a ser controlado por um equestre chamado Tigelino. A partir desse momento ocorre uma mudança de “qualidade” no julgamento do governo de Nero, já que este Imperador teria se voltado aos vícios e a realização de um governo autoritário. Como resultado desse governo autoritário, Nero aumentou a política de extermínio dos seus concorrentes, eliminando as mais tradicionais domus do Império, sofrendo forte oposição dos membros das casas senatoriais, como a conspiração que proveio da casa de Pisão (Tácito. *Anais*. XV, 48), no ano de 65, e a revolta de *Gaius Iulius Vindex* (Tácito. *Anais*. XV, 74), até que em 68 foi deposto e obrigado a suicidar.

Após esta reflexão, é importante destacar que Nero, através da releitura de Tácito, é desenhado como um Imperador fantoche, sendo manipulado pelos seus conselheiros, por sua mãe e por último por Tigelino. Se esta realmente for à imagem que o autor quis passar ao leitor, estamos nos deparando com um *princeps* contrário a ideia de um *pater patriae*, ou seja, um governante que não governa ou uma figura que, ao contrário do senhor do lar ou da pátria, é alguém que está sendo dirigido por outros. E como então que Nero conseguiu governar por tanto tempo? Nesse mesmo sentido, também cabe afirmar que mesmo nos focando apenas em Tácito ainda não podemos sanar todas as ambiguidades construídas sobre Nero. E isso fica mais evidente se analisarmos o governo de Oto.

Sobre o Imperador Marco Sálvio Oto (*Marcus Salvius Otho*) os *Anais* têm muito pouco a nos dizer. Já nas *Histórias*, Oto, além de exercer o papel de protagonista em alguns momentos da narrativa taciteana, também possui um papel preponderante e muito intrigante durante os acontecimentos que levaram à queda de Nero, inclusive se aliando com os dissidentes liderados por Galba. Além disso, podemos atentar para as passagens onde o historiador latino se refere sobre a esperança de Oto ser adotado pelo Imperador Galba como seu sucessor, o que não ocorreu. Mas, talvez, ainda nos cabe relatar que, em detrimento da escolha de Oto, a escolha do sucessor do já idoso Imperador Galba também pode ser aplicada como um dado muito sintomático para pensarmos o Principado romano através da noção de que o jogo político e social ainda era praticado pelos mesmos grupos sociais que foram atuantes no governo de Nero, e que também eram liderados por descendentes de famílias tradicionais da República, inclusive que atuaram contra a facção de Augusto. Nesse sentido, o escolhido, Lúcio Calpúrnio Pisão Frugi Liciano, um descendente de Pompeu e filho de Marcus Crasso com Escribônia, representava uma ruptura na dinastia que até então havia governado.

Em seguida a esta narrativa, o historiador latino começa a descrever um cenário de disputas marcado pela presença de duas *factiones* distintas: uma que possuía o apoio de Galba e a outra que era composta por membros que apoiavam Oto (Tácito. *Histórias*. I, 13).

No entanto, esta discussão se torna cada vez mais importante para nosso estudo através da análise dos acontecimentos anteriores a esta passagem, onde podemos perceber que o Imperador Galba, sucessor de Nero, teve Oto como um dos principais patrocinadores de sua ascensão ao poder. E, agora, nesse contexto, Oto estava compondo uma facção que lutaria para substituir o Imperador que ele ajudou a proclamar. Ou seja, nas palavras de Tácito:

“Oto teve uma infância negligenciada e uma juventude desregrada, e ele se fez agradável a Nero através da emulação de suas extravagâncias. Por essa razão, o Imperador havia confiado a ele seus amores por Popéia Sabina, a favorita do Imperador, até que ele se visse livre do casamento com Otávia. Logo, suspeitando da relação deste com a mesma Popéia, Nero, no intuito de se ver livre, o enviou para a província da Lusitânia, aparentemente para ser governador. Oto governou a província com suavidade e, como ele foi o primeiro a entrar no partido de Galba, não o fez sem energia, e, enquanto a guerra se alastrou, foi o mais enfático dos seguidores do Imperador, a ponto de ser levado a acreditar desde a primeira vez e cada vez mais na esperança de um dia ser adotado por ele. Muitos dos soldados eram favoráveis a ele, como também era o candidato da corte neroniana, que era similar a dele.” (Tácito. *Histórias*. I, 13)

Nesta passagem ainda podemos indicar quatro palavras utilizadas por Tácito e que demonstram a volatilidade que esses grupos sociais conflitantes poderiam possuir (“*aula Neronis ut similem*”). Assim, podemos propor a hipótese de que o apoio a determinados Imperadores não era definido por critérios estáveis e nem por um consenso geral. Isso pode ser evidenciado ao final desta passagem, que foi anteriormente citada, quando historiador latino indica que Oto possuía uma vantagem proporcionada pelos favores dos exércitos e da corte de Nero. Nesse mesmo contexto também é possível destacar uma ambiguidade muito significativa e que poderíamos interpretar de maneiras muito distintas de acordo com o contexto e com o auxílio que recebemos de determinados tradutores. Uma das possibilidades seria a de entender a expressão “*ut similem*” como a tentativa, por parte de Tácito, de indicar uma estreita relação entre os membros da antiga corte neroniana com aqueles que apoiavam Oto, ou até mesmo como uma afirmação de que o futuro Imperador estava no comando daqueles que apoiaram Nero. Afinal, Oto não havia apoiado Galba contra Nero? Teria ele mudado de ideia? O que justifica o apoio de grupos sociais que antes eram pró-Nero àquele que outrora havia amparado um candidato dissidente?

Também é muito importante relatar que é possível encontrar referências de Tácito que evidenciam a existência de pessoas que poderiam fazer novos Imperadores, como Licínio Flaco: “ele era um homem que poderia achar mais fácil transferir o poder Imperial para outro, do que mantê-lo em suas mãos” (Tácito. *Histórias*. I, 8). Podemos indicar que a formação de grupos de apoio e de oposição era feita através de maneiras muito mais complexas do que aquelas calcadas em disputas pessoais ou contra determinadas atitudes dos Imperadores. Ou seja, o jogo a ser jogado para conquistar ou não determinado consenso positivo quanto a um governo é muito mais complexo do que apenas algo bilateral. Esta atitude é completamente diferente daquela de Vespasiano um Imperador que procurou destruir alguns dos monumentos construídos sob o governo do último Júlio-Cláudio, como a *domus aurea*, e construir nas proximidades de suas antigas fundações um marco de que os tempos eram outros: o anfiteatro Flávio, conhecido também como o Coliseu. Além disso, nenhum desses Imperadores anteriormente citados conseguiu fazer um sucessor. Ou seja, foram todos mortos pelas mãos dos mesmos romanos que, em muitos casos, foram seus aliados em tentativas passadas de usurpação, como o caso do apoio que o Imperador Galba recebeu de Oto durante as hostilidades contra o governo de Nero. Já, posteriormente, o mesmo Oto se voltou contra o Imperador que ajudou a promover e se colocou em posição de governar

a *respublica*. Fato que se consolidou e hoje entendemos o seu curto governo através das mesmas categorias que utilizamos para descrever outros Principados, como o de Augusto.

Nero e a Historiografia

A historiografia moderna tende a seguir Tácito no que tange às influências que esse Imperador recebeu durante o seu governo. Esta tradição intelectual tende a analisar a obra taciteana tendo em vista a fronteira que envolve o governo de Nero e que compartimenta seu Principado em dois momentos. A primeira parte de seu governo, que teria sido positiva à medida que os vícios do *princeps* e os excessos de sua mãe teriam sido controlados por Sêneca e Burrus. Já, a segunda parte, como vimos, ocorre com a morte de Burrus e a afastamento de Sêneca do poder, quando Nero teria sua administração voltada aos vícios pela influência negativa de Tigelino. Dessa forma, podemos afirmar que o Principado de Nero foi eternizado como um manancial inesgotável para discutirmos a respeito das ambiguidades interpretativas sobre os Imperadores romanos. Sobre esse curto espaço de tempo (54 – 68) foi construída uma longa tradição de pensamento acompanhada de discussões que, em muitos casos, refletem visões muito marcantes sobre esse Imperador que findou com a sua própria dinastia. Por exemplo, em “Os Imperadores loucos”, de Michel Cazenave e Roland Auguet, são discutidas as representações do Imperador Nero que foram legadas pelas fontes, como Tácito e Suetônio. Segundo os autores, sob o nome Nero foi construído por romancistas todo um imaginário de que o *princeps* seria um monstro, uma cabeça oca e barulhenta, um charlatão e um fantoche.¹¹

Contudo, o que realmente nos interessa é a ideia de uma imagem “pré-moldada” a respeito de Nero e que nos leva a lembrar dele sempre que falamos em incêndios, vaidade exacerbada, crimes violentos, matricídio e assassinato de cristãos. Nesse sentido, podemos indicar também a hostilidade que foi construída contra a figura deste Imperador também nos meios religiosos. Como sabemos, Nero foi o primeiro a mover uma perseguição aos cristãos. Mas este evento, de menor importância em seu tempo, foi valorizado tanto por ser sucedido por outras ondas de perseguição quanto por se consolidar como um evento fundador para a Igreja Cristã que conquistaria hegemonia no Império séculos depois. Ao longo do tempo, Nero passou então a ser ver como um anticristo.¹² Isso fica claro em algumas produções cinematográficas. Dentre elas, destacamos a obra monumental do escritor polonês Henryk Sienkiewicz, intitulada *Quo Vadis*, e que foi adaptada para o cinema em 1951 pelo diretor Marvyn Leroy. O filme mostra um universo bem imaginativo que apresenta Nero como “louco”, “devasso” e “sanguinário”. Nesta película, Nero é um Imperador que reuniu o pior de todas as qualidades negativas que poderia se esperar de um tirano.¹³

No campo dos estudos críticos sobre Nero também podemos observar o desenvolvimento de uma historiografia que tende a observar este Imperador como um dos piores governantes que chefiaram o Império Romano. Dentro desta mesma lógica de interpretação, o autor Guglielmo Ferrero, em uma obra publicada em 1947, e intitulada *História romana*, nos oferece um capítulo dedicado ao governo de Nero e a chamada quarta guerra civil. Segundo o autor, “a riqueza, o poder, as adulações despertaram rapidamente no jovem os maus instintos até então ocultos, sobretudo seu amor aos prazeres e seu

11 AUGUET, Roland. CAZENAVE, Michel. *Os imperadores loucos*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1995, p.149.

12 GRIFFIN, Miriam. *Nero: the end of a dynasty*. London: B. T. Batsford, 1984, p.15.

13 Além dessa versão adaptada ao cinema podemos encontrar outras obras cinematográficas que se apoiaram nos escritos de Henryk Sienkiewicz. Em todas essas produções o nome “Quo Vadis” foi conservado e lidam com outras interpretações sobre o governo do polêmico Imperador Nero. São elas, a versão francesa de 1901, três versões em italiano (1912, 1925, 1985) e outra em polonês (2001).

caprichoso exotismo”.¹⁴ As disputas envolvendo mãe e filho logo se converteram em um duelo de vida e morte. Considerado pelo autor como medroso, fraco, indeciso e temerário da situação que a luta política com sua mãe havia provocado, o *princeps* recorre ao liberto Aniceto para que assassinasse sua mãe e lhe desse o poder do Império. Nesta mesma análise, podemos perceber que Nero aparece como um Imperador covarde e que fora manipulado pelas mulheres de sua corte, Agripina *minor*, Acte e Popeia. Já, após a morte de seus tutores, o Imperador teria se libertado daqueles que pensavam no bem da República e passou, com o auxílio do inescrupuloso Tigelino, a combater a tradição romana, que era sustentada por um senado fraco. No final, na análise de Ferrero, a quarta guerra civil seria uma atitude do povo e dos senadores contra Imperadores tiranos, neste caso, contra Nero.

Outra obra composta em meados do século XX e intitulada *Os Césares*, de autoria de Ivar Lissver, é composta pela história de todos os césares romanos pagãos, desde seus imediatos predecessores Mário, Sila, Pompeu e Crasso, até Constantino, o grande, primeiro Imperador cristão, como também por uma discussão a respeito da biografia de Nero. Segundo o autor, “O Imperador Trajano afirmará mais tarde que os cinco primeiros anos do reinado de Nero foram os mais felizes do Império romano. Se esta asserção é verdadeira, Roma deve isto a Sêneca”.¹⁵ Como podemos perceber, fica clara a influência de Sêneca nas ações do Imperador, sendo que estas, graças ao filósofo, eram destinadas ao “bem público”. Aconselhando-se com Sêneca e Burrus, o Imperador decidiu assassinar sua mãe, fato que possibilitou o aumento do poder de Sêneca e o efetivo controle sobre as ações do *princeps*. De fato, apoiando-se na ideia de um *quinquennium* feliz, Lissner reconhece que “de 54 a 59 d. C., isto é, durante o primeiro terço de seu reinado que durou catorze anos, observou Nero estritamente as regras da sabedoria, da prudência e da medida”.¹⁶ Os crimes e as loucuras do Imperador não datariam do início do seu reinado, quando estava sob a tutela de Sêneca.

Michael Rostovtzeff compartilha da visão de que Nero ascendeu ao trono de forma irregular e reafirma que durante seu governo o Imperador foi altamente influenciado por Burrus, Sêneca e pela sua mãe Agripina *minor*. Para o autor, o Principado neroniano pode ser resumido através de ações sanguinárias, como o assassinato de Britânico, seu meio-irmão (filho de Cláudio com Messalina e herdeiro potencial do trono) e uma sequência de atentados terríveis, inclusive culminando com o matricídio, já que sua mãe sempre “tentou usá-lo como fantoche no poder”¹⁷. Somado a isso, segundo Rostovtzeff, Nero sempre governou “perturbado por Sêneca e Burrus que o haviam educado e desejam orientá-lo como jovem”¹⁸. Já, com o afastamento de seus tutores, o *princeps* entra em choque com a hostilidade e o desprezo dos que o cercam. Em suma, na visão deste autor, o Principado neroniano teria sido um governo marcado pelo terror e o massacre de todos os suspeitos de não simpatizar com ele ou com seus métodos de governo. Fato que levou a sua morte e ao fim de uma dinastia.

Para além destas visões, e graças à enigmática formulação “*quinquennium tamen tantus fuit*”, atribuída ao Imperador Trajano e cunhada por Aurélio Vitor, em seu *De Caesaribus*, também foi possível encontrar novos caminhos para pensarmos os anos do governo neroniano que se distanciam um pouco da visão que acabamos de apresentar. Nesse sentido, podemos citar três versões desenvolvidas por pesquisadores de língua inglesa e que procuraram encontrar e explicar os “cinco anos gloriosos” do Imperador Nero. Na primeira, desenvolvida por T. E. J. Wiedeman, em um capítulo intitulado “Tiberius to Nero”, podemos perceber que o autor argumenta que

14 FERRERO, Guglielmo. *História Romana*. Tradução de Brenno Silveira. Livraria Martins Editora, 1947, p. 221.

15 LISSNER, Ivar. *Os Césares*. Tradução de Oscar Mendes. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1985, p.143.

16 *Idem*, p.144.

17 ROSTOVITZEFF, Michael Ivanovitch. *História de Roma*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977, p.195.

18 *Idem*, p.198.

de fato existiram os cinco anos gloriosos de Nero, tal como havia sido dito por Trajano, e que esses anos deveriam ser entendidos como os últimos cinco anos, já que o Imperador teria promovido uma excelente política de reconstrução da cidade de Roma após o nefasto incêndio em 64. Contudo, apesar deste reconhecimento positivo, o autor ressalta que esta política de reconstrução da cidade sofreu forte oposição devido aos gastos suntuosos do *princeps*.

Concordando com estas ideias, David Shotter, em um estudo intitulado “Nero”, desenvolve a crítica ao que ele denominou de “escritores modernos”¹⁹, e que aplicaram o termo *quinquennium Neronis* no intuito de entender os cinco primeiros anos do governo de Nero. Para ele, referindo-se ao historiador Aurélio Victor, o termo deveria ser aplicado aos cinco anos finais, quando o *princeps* realizou muitas atividades de construção de instalações e edifícios. Além desta visão, podemos citar brevemente que para outros pesquisadores, como J.C.C. Anderson, o *quinquennium* em questão corresponde aos cinco anos finais de governo com as reformas urbanísticas promovidas pós-incêndio de 64.²⁰ Ao contrário desta perspectiva, a segunda visão que convém destacar foi defendida por pesquisadores como J.G.F. Hind e M.K. Thornton, que propuseram que o *quinquennium* de ouro fosse entendido como os anos intermediários de seu governo, graças à construção do Porto de Óstia e da *Domus* transitoria. E, por último, a última visão que destacaremos foi defendida por autores como Arnaldo Momigliano, Scullard e David Shotter, mas que também se coloca como a mais aceita entre os pesquisadores que se debruçaram sobre o governo neroniano, pois defende que a resposta para o nosso enigma poderia ser facilmente encontrada na narrativa dos cinco primeiros anos do governo de Nero, quando o louco e devasso Imperador era controlado por sua mãe e seus tutores.

Nesse mesmo caminho, ainda podemos atentar para um pequeno exercício de reflexão e que consiste em colocarmos todas as versões anteriormente apresentadas sob uma linha imaginária que compreenderia todos os anos do governo desse Imperador. Ou seja, iniciando-se em 54 e sendo finalizada em 68. Dessa maneira, ao levarmos em consideração todas as versões que foram anteriormente citadas o que podemos perceber é que as versões que nos apresentam os anos em que Nero fez um bom governo preencheriam toda nossa linha imaginária, fato que poderia justificar que o Imperador Nero também poderia ser lido apenas como um “bom” governante. Sendo assim, atingimos um caminho sem saída, pois cada vez mais se tornava claro que não devemos pensar os Imperadores romanos através de termos que os classificassem como “bons” ou “maus” governantes. Ao contrário, o que temos após a morte do *princeps* Nero é o jogo pelo poder político do Império, gerando uma guerra civil que englobou vários grupos políticos com força suficiente para aclamar um Imperador. “*Ergo dum scelera principis, et finem adesse imperio diligendumque, qui fessis rebus succurreret*” (Tácito. *Anais*. XV, 50, 1). É assim que Tácito, em uma passagem dos *Anais*, situada no contexto da conspiração pisoniana introduz a discussão entre os conspiradores que apoiavam a causa do Senador Caiso Pison. Esta asserção de Tácito, traduzida para o português como um debate acerca “das maldades do príncipe, sobre a total decadência do Império, e o quanto se fazia preciso eleger outro chefe que salvasse o Estado”, relata o momento de tensão que as elites senatoriais perpassavam e as estratégias que pretendiam adotar, através da elevação da *domus* de um dos conspiradores à condição de *domus Caesaris*. É importante destacar que esses grupos de oposição eram compostos muitas vezes por membros que usufruíram do *beneficium* do *princeps*, inclusive tendo como conspiradores importantes personalidades da vida pública, como cônsules, cavaleiros e senadores. Esta presença maciça de indivíduos que ascenderam socialmente graças ao patronato exercido por Nero nos oferece uma pista a respeito do jogo

19 SHOTTER, *op.cit.*, p.14.

20 ANDERSON, J.C.C. “Trajan on the Quinquennium Neronis”. *Historia*, Band XXVIII/3. Franz Steiner Verlag GmbH. Wiesbaden, 1989, p.177.

político pela disputa de um lugar mais elevado socialmente. As *domus* senatoriais, os libertos, a plebe, os exércitos, constantemente elaboravam estratégias de ascensão social. E uma destas estratégias era se aliar a um grupo de oposição que visava substituir o núcleo de poder.

Como é apontado por Miriam Griffin, em sua obra “Nero: the end of a dynasty”, não devemos esquecer que o Principado não era uma monarquia e que um Imperador que se portasse como um Rei ou tirano louco seria prontamente extirpado do poder. Pois, segundo ela, era necessário ao Imperador respeitar a atuação e a autonomia de outros grupos sociais que também compunham a *respublica*, como os senadores, os equestres, os exércitos, os libertos, as mulheres e os escravos. E uma das maneiras de se portar desta maneira era se colocando como um membro da aristocracia e que ainda respondia a uma forma republicana de governo. Ou seja, o Imperador não poderia ser um rei, mas ainda concentraria em suas mãos muito poderes. Mas como isso poderia funcionar? Em suma, estas observações nos levam a concordar com a proposta de Edward Champlin de que é necessário levar em consideração um certo exagero por parte das fontes na construção da imagem de Nero, principalmente em Tácito, Suetônio e Dião Cássio, pelo fato de que estas fontes terem sido compostas depois da morte de Nero e, portanto, se apropriaram de outras visões que já haviam sido cunhadas, como a de Clúvio Rufo, Fábio Rústico e Plínio, o velho.²¹ Como reconhece o autor, embora seja possível traçar correntes filoneronianas nos círculos literários da época, esta forma de se pensar o governo desse Imperador certamente foi suplantada pelos acontecimentos dos anos de 68 e 69. Somado a isso, o autor ainda afirma que grande parte da tradição negativa que foi construída sobre Nero foi construída e fomentada pela dinastia posterior, a dos Flávios, fixando a reputação de Nero como um monstro para todas as gerações vindouras.²² Ou seja, a mesma visão de Nero, o monarca autoritário, que afirmamos ser a mais aceita pelas interpretações literárias e cinematográficas e até mesmo historiográficas sobre esse Imperador.

Em suma, apesar de não negarmos que algumas contestações a determinados governantes podem ter sido originadas por motivos pessoais contra governantes, não podemos deixar de atentar para o fato de que as alternativas ao poder vigente poderiam surgir dentro dos círculos mais proeminentes, como a corte. Dessa maneira, podemos afirmar que os critérios de julgamento de “bons” e “maus” Imperadores se constituem como uma tradição posterior à contestação dos regimes dos Imperadores que se encontram descritos nessas narrativas, e que não se constituem como as únicas alternativas viáveis de análise para explicarmos a formação de grupos de oposição aos Imperadores e o critério de julgamento que condenou diversos deles para a história. A alternativa, neste caso, seria, portanto, olhar para o regime dos Imperadores não somente procurando traços de “bons” ou “maus” governos, assunto que cairia muito bem em uma biografia, mas não em um estudo histórico que vise entender como estes governantes atuavam dentro de um regime onde suas próprias posições poderiam ser colocadas em cheque graças às inúmeras conspirações que conhecemos através das fontes. Isto é, “bons” e “maus” governos dependem de quem olha e de qual grupo consegue conferir à história a sua versão dos fatos, não sendo necessariamente a exposição de um critério universal para a avaliação desses governos do passado.

21 CHAMPLIN, Edward. *Nero*. Cambridge: Harvard University Press, 2003, p.36-56.

22 *Idem*, p.9.